

GUIMARÃES, 6 DE MARÇO DE 1901

O PROGRESSO

SUPPLEMENTO AO N.º 161

Manifestação anti-jesuitica

Esta cidade, acompanhando o movimento que actualmente vae em todo o paiz, em que o povo, dentro dos limites da lei pede ao governo de Sua Magestade o cumprimento dos decretos do marquez de Pombal e Joaquim de Aguiar, sobre a expulsão dos jesuitas de terras portuguezas, deu hontem o seu primeiro grito de alarme.

Não é nosso intuito levantar, com o presente supplemento, um grito de rebelião, convidando o povo à revolta; mas simplesmente narrarmos imparcialmente os factos que hontem se deram n'esta cidade, visto que o nosso jornal só vê a luz da publicidade no proximo domingo, tardiamente e já quando outros jornaes de Lisboa e Porto os revelam aos leitores por intervenção dos seus correspondentes d'aqui.

Posto isto, narremos:

Pouco depois das 8 horas da noite confirmava-se o boato que já de tarde corria de bocca em bocca—*uma manifestação de hostilidade contra os jesuitas.*

Alguns populares, na sua maior parte artistas que tinham áquella hora abandonado o trabalho, passaram por diferentes ruas da cidade, aggregando a si novos elementos que appareciam, e no numero d'estes muitos academicos, rapazes cheios de vida e actividade, que pouco a pouco e na melhor ordem iam soltando alguns vivas á Liberdade! abaixo a reacção! morram os jesuitas! cumpra-se a lei de marquez de Pombal! etc., etc.

Os animos n'estes pontos, caminhavam os manifestantes até ao principio da avenida Industrial, no campo da Feira, onde aguardaram os operarios e operarias das fabricas. Logo que elles appareceram, proferiram-se discursos, levantaram-se novos e repetidos vivas, que eram calorosamente correspondidos pelos recémchegados, havendo, n'este momento, uma adhesão sympathica. Lenços, chapéus, capas, chales, tudo se cruzava no ar, produzindo um effeito soberbo.

N'este delirio, effusivo, ahi veem os manifestantes, com irreprehensivel ordem, pelo campo da Feira acima, rua da Senhora da Guia e largo da Oliveira, onde pararam em frente á redacção d'este jornal

Uma vez aqui, onde o numero dos manifestantes já era respeitavel, levantaram-se vivas ao *Progresso*, á redacção do mesmo, á imprensa liberal, ao povo de Guimarães, aos operarios, á academia e morras aos jesuitas e abaixo a reacção.

Depois d'esta manifestação, que agradecemos, a onda caminhou em direcção á rua de Santa Luzia, onde a companhia tem uma importante casa, repetindo-se ali os mesmos vivas que eram soltados no tracto. Os jesuitas então, na presença d'esta manifestação de hostilidade, não se contiveram e das janellas e dos telhados partiram muitas pedras que vieram attingir alguns populares, e no numero d'estes o snr. administrador do concelho que se encontrava ali para manter a ordem e os desmandos. Mau expediente foi este, porque o povo, assim magoado e ferido, correspondeu immediatamente á aggressão, estabelecendo-se uma verdadeira artilheria de pedras que iam partir os vidros, pondo-os em estilhaços, e lá dentro, uma confusão medonha, gritos de fogo e á d'El-Rei, enquanto que outros populares assaltavam o predio pelas trazeiras, metralhando-as tambem.

N'este auge, em que os manifestantes se embrenharam com arrojado inaudito, ouviram-se tiros de parte a parte. Povo e jesuitas—liberdade e acção—assim n'uma lucta perigosa, assustadora, que poderia ter consequencias bem desagradaveis, só serenaram quando o snr. administrador do concelho, dr. Antonio José da Silva Basto Junior, appareceu com uma grande força de infantaria 20, commandada por um capitão e dois tenentes.

Os manifestantes, mal ouviram os primeiros toques do corneta, romperam com vivas á força, aos seus commandantes, ao bravo regimento 20, aos soldados, ao administrador do concelho, á Liberdade e á Patria.

Devido á prudencia do snr. administrador do concelho, o povo dispersou em boa ordem, vindo com as suas acclamações e morras para a praça do Tournal.

Aqui, debaixo da melhor ordem, foram a casa do nosso amigo snr. Luiz José Gonçalves Basto, dando vivas á Liberdade, morras ao jesuitismo, etc., etc.

O snr. Basto, que estava á porta do estabelecimento, descobriu-se, correspondeu aos manifestantes e mandou içar a sua bandeira vermelha. N'este momento muitas salvas de palmas e vivas troaram no espaço, atirando os manifestantes com os chapéus ao ar.

Depois seguiram para o Hotel Avenida, do snr. José Maria do Souto. Aqui appareceu, á janella do Hotel, um academico, que entusiasticamente fallou ao povo, levantando-lhe vivas, que eram delirantemente correspondidos pela multidão.

Seguiram depois, com o mesmo delirio e dando palmas, por diferentes ruas até que foram dar comsigo no largo do Seminario-Lyceu, em frente a uma outra casa que ali ha de religiosas Dorotheas. As mesmas ovações e as mesmas pedradas, que foram partir muitos vidros.

A força, que estava em Santa Luzia guardando a casa dos jesuitas, logo que teve conhecimento d'este facto, accudiu parte d'ella ao largo do Seminario-Lyceu, dispersando os manifestantes, que depois se foram desmembrando, pouco a pouco, dissolvendo-se assim sem desgostos de maior.

Por todas as ruas por onde passaram os manifestantes viam-se nas janellas muitas pessoas.

Parte da força esteve guardando as casas dos jesuitas até ás 5 horas da manhã de hoje.

Como medida de prevenção encontra-se na casa da guarda da cadeia civil uma força commandada por um segundo sargento para, á primeira voz, sahir para a rua.

O regimento d'infanteria 20 tambem está todo de prevenção no quartel.

Nós, como dissemos, não pedimos rebelião; apenas o cumprimento da lei de 3 de setembro de 1759 e os decretos de 9 de agosto de 1833, 24 de maio de 1834 e 22 de julho de 1834, que expulsaram os jesuitas e dissolveram as congregações.

Pedindo isto, somos cordatos e não póde haver para nós a *mordaza*, porque não infringimos.

Cumpra-se a lei, pois!